



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

A PRÁTICA DO DESENHO NO DESENVOLVIMENTO ESTUDANTIL: A TRANSIÇÃO ENTRE "TODA CRIANÇA DESENHA" E O "NÃO SEI DESENHAR"

Vinicius Hiroshi Tida Omatsu¹
ECA-USP

Ingrid Regina Coelho Koritar²
ECA-USP

Este trabalho apresenta uma investigação sobre a prática do desenho como um elemento fundamental no desenvolvimento estudantil, especialmente no contexto das escolas públicas municipais de São Paulo, onde foi realizada a pesquisa. Observamos, a partir de nossas experiências no campo da Educação Artística, um fenômeno recorrente: a passagem da infância, na qual "toda criança desenha" naturalmente, para uma realidade escolar marcada pela expressão "não sei desenhlar", que simboliza o bloqueio criativo e a autodepreciação dos alunos com relação a essa atividade. Nosso interesse metodológico e teórico reside em compreender quais fatores contribuem para essa ruptura no uso do desenho como linguagem expressiva e cognitiva no avanço dos anos escolares, bem como suas implicações no ensino de Arte.

A metodologia adotada foi de caráter qualitativo, baseado em entrevistas estruturadas, observações diárias e atividades práticas realizadas em duas escolas públicas municipais de São Paulo, denominadas aqui como Escola A e Escola B. As entrevistas envolveram alunos do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental, além de professores de Arte e docentes de outras áreas do conhecimento, buscando mapear a percepção da comunidade escolar sobre o desenho enquanto prática e linguagem. Complementarmente, propusemos atividades padronizadas,

¹ Vinicius Hiroshi é designer 3D, artista visual, técnico em informática, arte-educador e mestrando em Artes Visuais e Inteligência Artificial pelo PPGAV do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP. Desde 2023, pesquisa as relações entre arte, educação, ciência e tecnologia. [viniomatsu@gmail.com] • <http://lattes.cnpq.br/6371834593661877>

² Ingrid Regina é artista visual, pintora, Licenciada e graduanda em Bacharelado em Artes Visuais pelo Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP. Atua em museus e em outros espaços de educação não-formal. [ingridkoritar@usp.br] • <http://lattes.cnpq.br/0362876828750468>

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

como o desenho de “árvore com frio” e “árvore com calor” – que podem ser vistas na Figura 1 e Figura 2, respectivamente –, que possibilitaram a investigação das manifestações visuais e afetivas dos alunos, associadas à linguagem não verbal.



Figura 1 – Relação das árvores desenhadas pelos alunos entrevistados em resposta à proposição de representar uma “árvore com calor”.

Fonte: Acervo dos autores (2023).



Figura 2 – Relação das árvores desenhadas pelos alunos entrevistados em resposta à proposição de representar uma “árvore com frio”.

Fonte: Acervo dos autores (2023).

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Os resultados demonstraram uma clara divisão na compreensão do que é considerado um “bom desenho”. Uma parcela significativa dos alunos associa a qualidade do desenho à aplicação das técnicas tradicionais ensinadas em escolas de Belas Artes, como perspectiva, luz e sombra, condicionando a apreciação da arte a uma estética realista e “bonita”. Essa visão, mais presente em uma das escolas estudadas (Escola B), alimenta o ciclo de frustração e auto exclusão, manifestado em declarações como “não sei desenhar”. Em contrapartida, outra parcela – majoritária na Escola A – valoriza o desenho como uma forma autêntica de expressão e comunicação emocional, entendendo que a relação afetiva do criador com a obra é suficiente para qualificar o desenho como “bom”. Essa dualidade revela padrões culturais distintos internos às instituições e reflete a influência do contexto social e escolar no desenvolvimento da prática artística.

Observamos ainda que, embora a prática do desenho esteja presente na escola como ferramenta auxiliar em diversas disciplinas – Geografia, Matemática, Ciências Naturais e Língua Portuguesa –, sua função está frequentemente reduzida a um papel utilitário e secundário. As aulas de Arte, quando afastadas da integralidade epistemológica da disciplina, tendem a tratar o desenho como mera atividade recreativa ou produção decorativa, sem avaliação específica e com escassa valorização do processo criativo e cognitivo, o que compromete o estímulo à criatividade dos alunos. A presença do desenho como linguagem do pensamento, capaz de mediar significados e promover o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, não é devidamente estimulada e reconhecida na prática cotidiana dessas escolas.

Aprofundando a análise sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural de Vygotsky, destacamos que o desenho, nos primeiros anos escolares, funciona como signo auxiliar para a criança em seu processo de alfabetização, permitindo-lhe externalizar e organizar suas ideias antes mesmo da consolidação da linguagem verbal. Contudo, esse movimento se interrompe com o avanço escolar, momento em que o desenho é desvalorizado enquanto instrumento de expressão e pensamento, transferindo-lhe uma função apenas instrumental e utilitária.

Complementarmente, introduzimos a discussão sobre o “Mito da Pintura”, processo histórico-cultural de legitimação da pintura e das práticas artísticas associadas ao gênio e ao talento nato, que contribui para a mitificação do dom artístico. Dentro desta perspectiva, a

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

habilidade para desenhar e criar obras é vista socialmente como um talento inato, não acessível para todos, o que fomenta a crença na incapacidade individual e restringe a participação abrangente dos estudantes na Arte. A internalização desses valores pelo ambiente escolar reforça a distinção entre os “bons” e “maus” artistas, alimenta a autocrítica negativa e limita o desenvolvimento da linguagem visual e do pensamento criativo.

Consideramos que a superação dos estigmas em torno do desenho passa pela valorização da diversidade de expressões e interpretações culturais, amparada em uma pedagogia que reconheça o desenho como uma linguagem dialógica, plural e inclusiva. Repensar o ensino da Arte para além da dimensão estética e técnica, estabelecendo vínculos profundos entre a arte, a cultura e o processo de construção do conhecimento, pode favorecer o desenvolvimento integral dos alunos, promovendo sua autonomia, criatividade e autoestima.

Por fim, o estudo reafirma a importância de questionar a suposta neutralidade da linguagem verbal e ampliar nossa compreensão da linguagem visual, incentivando práticas educacionais que rompam com padrões pedagógicos tradicionais e abracem o desenho enquanto ferramenta poderosa de expressão, comunicação e pensamento acessível a todos os estudantes, independentemente de talentos supostamente inatos.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

